

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral

Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 28

Nº 177

MARÇO - ABRIL

2011

Propriedade, Administração,
Redacção, Composição e
Impressão :

Índice

Página

Calçada do Tojal, 95, s/c
1500-592 Lisboa

Telefone : 217 647 441

*

Director Responsável :
Manuela Vasconcelos

Editorial	2
Palavras de Kardec	3
O Quinhão do Discípulo	5
A Casa de Deus (Poema)	19
A Pedra Angular das três Rev.	21
Amor ao Próximo	24
Mãos Limpas	27

*

Tiragem : 150 exemplares
Distribuição Gratuita

*

Registo nº.211720

*

Depósito Legal Nº. 13972

EDITORIAL

No número anterior referíamos o 30º aniversário da COMUNHÃO e informávamos que, oportunamente, daríamos notícias do facto. Pois bem, a comemoração começou no último sábado de Janeiro, com uma palestra sobre o Centro Espírita, com que o ALEXANDRE RAMALHO, Presidente das Casas Francisco Xavier, de Vila Nova de Gaia, nos brindou. Foi hora e meia “bebendo conhecimentos” de tudo o que se relaciona com a Casa Espírita e que os frequentadores escutaram atentamente, percebendo, talvez, melhor tudo aquilo que sobre o mesmo tema e ao longo dos tempos, temos tentado transmitir. Em Fevereiro, e igualmente no último sábado, teremos a falar a nossa Irmã ISABEL ANDRADE, Presidente da Comunhão Espirita Cristã, de Baguim do Monte. Procuramos assim, com convidados que representem outros tantos Centros Espíritas Portugueses, dar aos frequentadores da nossa Casa uma panorâmica do Movimento Espírita no nosso País. Cremos que todos beneficiaremos.

A mudança dos Corpos Sociais da FEP está a revelar-se, desta vez, na mudança da apresentação das instalações, que estão a ficar com “a cara lavada” – facto que não acontecia desde a aquisição das instalações onde, de há uns anos a esta parte, se encontra instalada. Parabinizamos a Direcção, pela feliz ideia que está a concretizar, tornando as instalações mais receptivas e agradáveis a todos os que a procurem. Que esta atitude seja o começo de muitas coisas novas e diferentes... que o Movimento Espírita Português agradece!

Está a aproximar-se a data de realização de mais um Seminário (27/3/011), desta vez dedicado ao médium português do século XX, FERNANDO AUGUSTO DE LACERDA E MELLO .

Se, até aqui, temos dado conhecimento de quem foram Irmãos de outras pátrias, é chegada a altura de revelarmos a “prata da Casa”... e a nossa Casa foi, desde o início do MEP, um relicário de jóias, qual delas a mais bela, a enriquecer o nosso património espiritual. Assim o saibamos, todos nós, dignificar!

Certos de que a maioria de nós nos encontraremos nesse Seminário, despedimo-nos... até lá!

A DIRECÇÃO



PALAVRAS DE KARDEC

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

1.- Pode o Espiritismo ser considerado como uma revelação? Neste caso, qual é o seu carácter? Sobre o que está fundada a sua autenticidade? A quem, e de que maneira ela foi feita? A doutrina espírita é uma revelação no sentido teológico da palavra ou, por outra, é no seu todo o produto de um ensino oculto vindo do Alto? Ela é absoluta ou suscetível de modificações? Trazendo aos homens a verdade integral, a revelação não teria como efeito impedi-los de fazer uso de suas faculdades, desde que lhes pouparia o trabalho de investigações? Qual pode ser a autoridade do ensino dos Espíritos, se eles não são infalíveis nem superiores à humanidade? Qual a utilidade da moral que eles pregam, se essa moral não é outra senão a do Cristo, já conhecida? Quais são as

verdades novas que eles nos trazem? O homem tem necessidade de uma revelação e não pode encontrar em si mesmo e em sua consciência tudo o que lhe é necessário para se conduzir? Tais são as questões sobre as quais importa nos fixarmos.

2. – Definamos, primeiramente, o sentido da palavra **revelação Revelar**, do latim ‘**revelare**’ cuja raiz é ‘**velum**’, véu, significa literalmente **sair de sob o véu**, figuradamente, descobrir, fazer conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. Em sua acepção vulgar, mais geral, é empregada no sentido de qualquer coisa ignorada que é esclarecida, de qualquer idéia nova que nos põe a par daquilo que não sabemos.

Sob esse ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da Natureza são revelações, e pode-se dizer que há para nós uma revelação incessante; a Astronomia nos revelou o mundo sideral que não conhecíamos; a Geologia, a formação da Terra; a Química, a lei das afinidades; a Fisiologia, as funções do organismo, etc.. Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier, são reveladores.

3. – O carácter essencial de qualquer revelação deve ser a verdade. Revelar um segredo, é fazer conhecido um fato; se é falso, não é mais um fato e, por consequência, não há revelação. Toda revelação desmentida pelos fatos deixa de o ser; se é atribuída a Deus, Deus não podendo mentir nem enganar-se, ela não pode emanar d’Ele; deve ser considerada como um produto da concepção humana.

4. – Qual é o papel do professor diante de seus alunos, senão o de um revelador? Ele lhes ensina aquilo que não sabem, o que não teriam tempo nem possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a ciência é a obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que trouxeram, cada um, o seu contingente de observações, e das quais se aproveitam aqueles que vêm depois. O

ensino é, assim, na realidade, a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feita por homens que as conhecem a outros que as ignoram, e que permaneceriam ignoradas, se assim não fosse.

(Continua)

ALLAN KARDEC

(In: A GÊNESE, 13ª ed. Lake, 1981, capítulo I).

*

O QUINHÃO DO DISCÍPULO

Quinhão : *parte* que cabe a cada um, quando se divide o todo.

29º conto do livro “Pontos e Contos”
Chico Xavier / Irmão X (Humberto de Campos) – Pedro Leopoldo / MG – 3 de Outubro de 1950.

Cercado de potências angélicas, o Mestre dos mestres recebia a longa fileira de almas necessitadas, a chegarem da Terra, trazidas pelas asas veludas do sono.

Rogativas particulares sucediam-se ininterruptas. E o Divino Dispensador as acolhia afavelmente. Para as solicitações mais disparatadas, oferecia a ternura do benfeitor e o sorriso do sábio. Jovens e velhos, adultos e crianças eram admitidos à Augusta Presença, um a um, expondo cada qual sua necessidade e sua esperança.

- Senhor – implorava carinhosa mãe, de olhos súplices – meus filhos aguardam-te a complacência vigilante!

E prosseguia, aflita, enumerando intrincados problemas domésticos, destacando projetos para o futuro, na experiência carnal.

O Mestre ouviu e recomendou aos operadores atendessem a súplica, na primeira oportunidade.

Seguiu-se-lhe linda jovem que rogou ansiosa:

- Oh! Jesus, atende-me! Socorre meu noivo que sucumbe... Livra-o da morte, por piedade! Sem ele, não viverei!...

O Benfeitor Divino ouviu atento, e ordenou que os emissários restituissem o dom da saúde física ao doente grave.

Logo após, entrou velho e simpático lavrador, de gestos confiantes, que se prosternou, suplicando: - Doador da vida, abençoa o meu campo! Peço-te! Amo profundamente a terra que me confiaste. O celeiro do meu pão, recreio de meus olhos, esperança de minha velhice!...

O Pastor Divino sorriu para ele, abençoou-o afetuosamente e determinou aos auxiliares santificassem o ritmo das estações sobre o campo daquele trabalhador devotado, para que ali houvesse flores e frutos abundantes.

Em seguida, cavalheiro respeitável penetrou o recinto de luz, evidenciando nobre posição intelectual, e solicitou reverente:

- Protetor dos Necessitados, o ideal de realizar algo de útil na Terra inflama-me o espírito... Dá-me possibilidades materiais, concede-me a temporária mordomia de teus infinitos bens! Quero combater o pauperismo, a fome, a nudez, entre os homens encarnados... Auxilia-me por compaixão!

O Embaixador do Sumo Bem contemplou-o, satisfeito, aquiesceu com palavras de estímulo e designou adjuntos para a articulação de providências, quanto à satisfação do pedido.

Minutos depois, entrou um filósofo que implorou:

- Sábio dos sábios, dá-me inspiração para renovar a cultura terrestre!...

O Cristo aprovou a petição, concedendo-lhe vasto séquito de instrutores.

E a legião dos suplicantes prosseguia sempre, movimentada e feliz, valendo-se da visita providencial do Celeste Benfeitor às sombrias fronteiras da carne. Jesus atendia sempre, ministrando incentivos e alegrias, graças e consolações, determinando medidas aos assessores diretos.

Em dado instante, porém, o circulo foi penetrado por um *homem diferente*. Seu olhar lúcido falava de profunda sede interior, seus gestos respeitosos traduziam confiança e veneração imensas.

Ajoelhou-se, humilde, estendeu os braços para o Emissário do Eterno Pai e, ao contrário de quantos lhe haviam precedido na súplica, explicou-se com simplicidade:

- Senhor, eu sei que sempre dás, conforme nossos rogos.

Ante a estupefação geral, continuou:

- Há quase vinte séculos, ensinaste-nos que o homem achará o que procura e receberá o que pede...

O Divino Orientador ouvia, comovido, enquanto os demais seguiam a cena com admiração.

O visitante reverente deixou cair lágrimas sinceras e prosseguiu:

- Vezes inúmeras, eu tenho lidado com o desejo e a posse, com a esperança e a realização nos circulos transitórios da existência carnal. Estou pronto para cumprir-te os desígnios superiores, seja onde for, quando e como quiseres, mas, se permites, rogo-te luz divina do teu coração para o meu coração, paz, alegria e vigor imortais de tua alma para minha alma!... Quero seguir-te, enfim!...

Com doçura admirável, o Mestre tocou-lhe a fronte e indagou:

- Queres ser meu discípulo?

- Sim! – respondeu o aspirante da luz.

Calou-se o Cristo. Verificando-se intervalo mais longo, e considerando que todos os pedintes haviam recebido gratificações e júbilos imediatos, o aprendiz perguntou:

- Que me reservas, Senhor?

- O Doador das Bençãos contemplou-o com ternura e informou:

- Volta ao campo de teus deveres. Entender-me-ei contigo diretamente.

E depois de um silêncio, que ninguém ousou interromper, o Mestre concluiu:

- ***Reservar-te-ei a lição!***

Paralelando, Entendendo e Interpretando

Lendo e relendo a narrativa, a nós presenteada pelo nosso querido *Irmão X*, consegui, com a ajuda e presença constante dos amigos do Plano Espiritual, traçar um paralelo entre a situação de evolução de cada uma das personagens e a passagem evangélica, contida em Mateus, 7:7-8: ***“Pedi, e dar-se-vos-à; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-à; porque todos os que pedem, recebem; os que buscam, acham; e a quem bate, se abre.”***~

Encontramos o mesmo sentido, através da forçada prece/oração, no **capítulo XXVII do E. S. E. (*Pedi e obtereis*)**.

Tudo o que for referente à evolução do espírito, estará sempre relacionado com o nosso posicionamento, reposicionamento e reforma íntima, no tocante ao nosso aperfeiçoamento.

Logo no início, o querido autor nos afirma a condição de encarnados das personagens, quando cita: **“...o Mestre dos Mestres recebia a longa fileira de almas necessitadas, a chegarem da Terra, trazidas pelas asas veludosas do sono.”** – ou seja, chegaram até Jesus pelo desdobramento do espírito do encarnado, quando este está dormindo e somente o corpo físico se encontra em descanso.

As personagens que circulam pelo texto, nada mais são do que uma projeção de todos nós, simbolizados pelos diversos estágios evolutivos por que passamos, durante a vida progressiva do espírito, através das muitas e diversificadas encarnações que já tivemos.

Como se nos afirma, em uma frase atribuída ao Codificador Allan Kardec e que se encontra esculpida no dolman de seu túmulo: *“Naître, mourir, renaître encore et progresser sans cesse, telle est la loi.”* – **“Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, esta é a lei.”**

Ao refletirmos sobre seus significados, com isenção da emoção e do desculpismo natural, momento em que justificamos todas as nossas ações, poderemos determinar em qual estágio do progresso espiritual nos encontramos, quais posturas temos adotado e o que necessitamos modificar para avançar diante da espiritualidade.

Nenhum de nós reencarna para ter poder, riquezas ou beleza; reencarnamos para cumprirmos com o necessário progresso do espírito, pelas expiações e provas, conscientes de que tudo que aqui temos, ou não temos, que alcançamos ou não, chega pelas consequências dos nossos atos.

Nesta história, Jesus, como não poderia deixar de ser, é a personificação da pureza máxima, da bondade infinita, da justiça plena, que fazem parte da divindade, que está sempre ao nosso lado, acompanhando-nos em nosso processo evolutivo, concedendo-nos, de acordo com nossos méritos, em atitude de concordância, tudo aquilo que pedimos, mas mostrando que tudo tem seu tempo, muitas vezes até transigindo em tolerância, pelo Seu imenso amor.

Humberto de Campos mostra ainda a bondade e a condescendência do Divino Mestre em sua disposição de ceder aos sentimentos, aos desejos dos diversos personagens que chegam até Ele, na imensa maioria implorando por benefícios materiais.

Sem dúvida, todos serão ouvidos e amorosamente atendidos, na medida das suas necessidades, dos seus méritos e das suas fraquezas, que o Mestre sabe que serão eliminados pelas diversas vivências do espírito inserido na carne, sempre com o horizonte a mostrar o crescimento espiritual que surgirá no futuro.

A cada passo uma lição, a cada tipo de pedido a demonstração e confirmação do nosso estágio evolutivo.

Irmão X, pela narrativa, nos traz a possibilidade de podermos simbolicamente dividir nossa evolução em três etapas distintas e sequenciais:

- **Pedi, e dar-se-vos-à**
- **Buscai e achareis**
- **Batei e abrir-se-vos-à.**

1. Pedi e dar-se-vos-à – a infância do espírito

Pela leitura constatamos que os espíritos mesmo estando no início de sua evolução, possuem a consciência da existência de um poder maior a lhes dirigir as experiências.

Porém, esses espíritos, ainda sem grande consciência do seu próprio papel neste processo, vivenciando sua infância, colocam-se perante a Espiritualidade, qual a criança que tudo espera do adulto, por estar totalmente na dependência dele.

Lembremos que a idade física nada significa: o encarnado pode estar vivendo seus 100 anos no corpo físico e em espírito ser ainda, comparativamente, um recém-nascido.

Somente vivem o *“pedi e dar-se-vos-à”*, sem se preocupar com o buscar, o bater, o lutar, o estudar, o progredir, o entender, o aceitar, ou o se reformar.

Nesta fase, o espírito começa a perceber o mundo à sua volta e as suas preocupações maiores se resumem à vida física, na luta pela sobrevivência e na conquista pelos aspectos materiais.

Os ensinamentos chegam para todos, mas o aprendizado, no entanto, será de cada um. Ele é individualizado, o livre-arbítrio está presente e assim, pouco a pouco, é que se dá o desenvolvimento do seu raciocínio rumo aos estágios superiores da evolução.

Na história de hoje, poderíamos colocar como representante desses estágio evolutivo:

- . **A mãe** que pede pelos filhos;
- . **A linda moça** que pede pela saúde do noivo;
- . **O lavrador**, que pede pela boa colheita;
- . **O cavalheiro respeitável**, que pede possibilidades materiais.

A **carinhosa mãe** solicita a Jesus a sua complacência vigilante para os filhos. Poderíamos no primeiro momento entender como plenamente louvável este apelo a Jesus. Mas, muitas vezes, aguardamos da Espiritualidade amiga, a proteção incondicional para nós ou para os que amamos; querendo tudo para nós esquecemos a necessidade de outros irmãos que mingam no abandono, na opressão, ou nos sofrimentos da ausência da saúde física e mental. Olvidando também das responsabilidades pelos nossos atos, o que a própria lei divina nos impõe, sem atentarmos para as possibilidades do enorme leque de ações caridosas que temos no momento – retratado aqui o **egoísmo**.

A **linda moça** que pede pelo seu noivo, quer nos fazer crer que tem um lado de desprendimento e renúncia; na verdade, ela pede por ela mesma, pois quando diz que sem ele não viverá, demonstra dependência e sentimento de posse. Ela simboliza as pessoas que se deixam levar por um excessivo apego aos companheiros de jornada terrestre, esquecidos de atentar para as necessidades evolutivas deles, buscando dominar sua vontade, impondo suas necessidades e colocando a sua presença física ao seu lado, como a

única medida da capacidade de sobreviver – retratados aqui a **dependência, desejo de posse e medo.**

O **velho e simpático lavrador** é o simbolo da pessoa sem fé na promessa futura da ação da Lei Divina. São aqueles que vivem somente o agora e tudo aguardam da vida na Terra, preocupando-se por demais com seu sustento, plantando somente na Terra, sem a preocupação de preparar, arar e plantar no divino terreno das vidas futuras. Todos os seus desejos, todas as suas aspirações encontram-se focados nessa única experiência, não levando em conta que ela é apenas uma experiência. A Terra torna-se, então, o celeiro, o recreio e a esperança, como se ela fosse o nosso definitivo lar, onde não cabem ideais espirituais maiores – retratados aqui a **falta de entendimento, ausência do estudo e negação da verdadeira fé.**

O **cavaleiro respeitável**, simbolizando o rico, que pede muitas riquezas e mordomias, para combater o pauperismo, a fome, a nudez, objetivando boas ações, e, em princípio, ajudar a muitos, na aparência de que não seria só para ele, sem querer lutar por esta causa, pede o imediato, para aí sim, agir em benefícios gerais. Esperando receber antes, para depois doar, só prometendo e correndo o risco de, ao obter, esquecer-se de ajudar e muitas vezes não cumprindo com seus objectivos – retratados aqui o **comodismo, a inércia e também a ociosidade.**

Para estes pedidos, feitos pelas personagens acima, todos relacionados com o *“pedi, e dar-se-vos-à”*, o Mestre, no que nos conta o texto, delega os atendimentos aos seus celestiais:

- **Cooperadores,**
- **Emissários,**
- **Auxiliares**
- **Adjuntos.**

Todos serão atendidos nas devidas oportunidades, promovendo assim resultados positivos para suas rogativas. Jesus, ao observar o surgimento de alguns sinais de evolução, já não havendo o primitivismo, realiza os desejos das personagens, mesmo que ainda se encontrassem em fase inicial de progresso.

Temos certeza que todos nós passamos, ou ainda estamos passando por esta fase, ou estágio, mas felizmente, o nascer, o morrer e o renascer se alternam para o Espírito em progresso, em busca de alcançarmos o objectivo maior das sucessivas encarnações, que é o encontro da perfeição.

2. Buscai e achareis – Juventude do espírito

Aos poucos, vamos consolidando em nós os ensinamentos que o **Plano Superior** nos descortina e, as diversas experiências vividas ao longo das nossas existências, fazem com que nosso Espírito, em dado momento, mais consciente, anseie por vivenciar outras situações, buscar mais conhecimento, desenvolver laços mais estreitos e mais harmoniosos com os diversos companheiros que a espiritualidade pode nos proporcionar.

Quando chegamos a este ponto, as referências materiais, os desejos imediatistas, o egoísmo, a personalidade egocêntrica, a vaidade, o orgulho, que eram muito importantes num primeiro momento, passam a não trazer satisfação, saciedade ou prazer: sentimos que algo não mais nos realiza.

É neste ponto da nossa evolução que deixamos de agir somente pelo *“pedi e dar-se-vos-à”* de coisas para o conforto e segurança das coisas da matéria e passamos a viver também o *“buscai e achareis.”*

Este estágio, que ainda denuncia estarmos na juventude do espírito, quando então buscamos conhecimentos, não nos liberta ou isenta da maravilhosa e necessária ajuda do Mundo Espiritual,

porém, já não ficamos aguardando que tudo nos seja dado e doado pelos Irmãos Superiores, sob a orientação e governança de Jesus.

Entendemos que nosso espírito é parte ativa de seu próprio crescimento e evolução espiritual; a reforma íntima toma as devidas proporções de necessidade; agora, nesta fase, já conseguimos olhar para o próximo e sentimos que podemos ajudar, temos a vontade de suprir suas necessidades, começamos a nos desfazer do egoísmo, da vaidade, do orgulho, do ciúme, da inveja e da arrogância.

A personagem que simboliza o estágio seguinte, do *“pedi e dar-se-vos-à”* + *“buscai e achareis”*, é

. O **filósofo**, um sábio que não pede bens materiais, não pede só para si, ou para os seus; desta forma, amplia seu alcance, deixando de lado a visão egoística de um provável e limitado universo. Ele aspira auxiliar a muitos encarnados, renovando a cultura na Terra, pois sabe que este é um dos desafios do espírito, crescer em igualdade, tanto em progresso moral, quanto intelectual. Quando o filósofo pede inspiração ao Divino Mestre, não pede que a obra se realize por concessão de favores, mas que lhe seja dada a condição de realizá-la.

Aqui, Jesus já não solicita cooperadores, emissários, auxiliares ou adjuntos; concede um vasto *séquito de instrutores*, demonstrando que o pedido era mais elevado em sua essência e que não era somente um caso de se dar alguma coisa, mas antes, o de preparar alguém para uma missão maior.

A narrativa prossegue nos informando que uma legião de suplicantes, movimentada e feliz, continuava a pedir ao Mestre por suas necessidades da carne, a maioria na condição do *“pedi e dar-se-vos-à”*.

3. Batei e abrir-se-vos-à – entrada na fase adulta

Continua o espírito a sua jornada evolutiva, caminhando agora em sua fase adulta, buscando adquirir maturidade.

Ela será o resultado das experiências acumuladas pelas encarnações sucessivas, pelos ensinamentos absorvidos, com seu consequente aprendizado e finalmente pela prática exaustiva da lei divina e imutável de amor que rege o Universo e da entrega total do amor ao próximo.

Quando o espírito chega neste culminante ponto de entendimento, de abnegação, de humildade, de simplicidade, de devotamento, de obediência e de resignação, já não só pede para obter e nem só busca para encontrar, ele entende que precisa agora também bater para entrar.

É o “**batei e abrir-se-vos-à**”, não quer somente pedir, não quer mais somente buscar, ele quer compartilhar com Jesus de sua companhia, de sua presença, pois tudo é o resultado da reforma íntima que vinha sendo construída com afínco, dedicação e luta.

A transformação é profunda nesta fase, o Espírito já conseguiu um razoável progresso intelectual e está plenamente consciente de seu progresso moral, dedica todo seu esforço na direção do bem, querendo somente ser o discípulo e receber o seu quinhão.

O símbolo desse estágio está nesta personagem:

. O “**homem diferente**”, que ao penetrar o ambiente, antes mesmo de pronunciar qualquer palavra, já provocava reações positivas, das mais diversas, nos presentes. Olhar lúcido transmitindo vontade interior, gestos respeitosos que arregimentavam confiança, provocando sentimentos de veneração espontânea. Respeitoso com a autoridade do Divino Orientador, em demonstração de humildade, ajoelha-se e, em vez de inicialmente pedir, justifica-se. Reconhece a autoridade, bondade, justiça e sabedoria do Divino Pastor; ao mesmo tempo que mostra seu momento de mea-culpa e de entrega total, somente após estas

demonstrações, faz um pedido diferente, ratificando sua condição de **“homem diferente”**, como nestas passagens:

- *Senhor, eu sei que sempre dás, conforme nossos rogos.*

- *Há quase vinte séculos, ensinaste-nos que o homem achará o que procura e receberá o que pede...*

- *Veze inúmeras, eu tenho lidado com o desejo e a posse, com a esperança e a realização nos círculos transitórios da existência carnal. Estou pronto para cumprir-te os desígnios superiores, seja onde for, quando e como quiseres, mas, se permites, rogo-te luz divina do teu coração para o meu coração, paz, alegria e vigor imortais de tua alma para minha alma!... Quero seguir-te, enfim!...*

Jesus lhe pergunta se quer ser Seu discípulo.

- *Sim! – respondeu o aspirante da luz.*

- *Que me reservas Senhor?*

Neste ponto, o **“homem diferente”** representa a evolução pretendida por todos nós, já a caminho da perfeição; por suas atitudes sua visão e necessidades são mais elevadas, por isso, bateu e a porta se abriu para ele.

Em seu discurso para Jesus, ele fala de toda a caminhada evolutiva que já fez, quando diz que inúmeras vezes ele esteve na Terra, lidando com o desejo e a posse, com a esperança e a realização, deixando claro que aquele amadurecimento era fruto de conquista árdua e demorada. E, ao invés de pedir, ele bate à porta estreita de que nos fala Jesus, se dispondo ao serviço junto a Ele e a suportar tudo por Ele.

Seguindo o exemplo do Apóstolo Paulo, que travou com Jesus este diálogo: *“Senhor, eu creio. Quie queres que eu faça?”*, o **“homem diferente”** pergunta: *“Que me reservas, Senhor?”*. Não

demonstrando dúvidas, ele só queria saber qual seria a sua tarefa, junto ao Provedor do Bem.

Jesus, que tudo sabe, reconhecia naquele homem o verdadeiro servidor, o fiel seguidor que jamais iria recuar ou temer o fardo maior e mais pesado. Sua resposta, inversamente às que foram distribuídas, dizia para que o **“homem diferente”** retornasse ao campo de seus deveres, ou seja, após acordar de seu desdobramento do Espírito, retornando à Terra, retomasse as lides diárias, não para receber uma condição física e material melhor do que os outros, mas, separado dos demais, o próprio Jesus iria ter com ele.

Ele não receberia parcialidades, bens, saúde, campos férteis, sabedoria: ele receberia a ***Lição***.

Jesus lhe reservou a ***Lição***, pois ele já tinha passado por todo o resto e agora, quando atingia seu ponto culminante na Terra, receberia os ensinamentos diretamente do Mestre e não dos divinos cooperadores, emissários, auxiliares ou adjuntos. Não haveria mais intermediários.

Podemos ***pedir*** e ***buscar***, mas tenhamos sempre como meta o ***bater à porta***.

Logo no início desta interpretação falei que os ensinamentos são para todos, mas o aprendizado é de cada um; é necessário que nós, já estando no caminho, ao longo de muitas encarnações vividas, recebamos os ensinamentos, sejamos bons aprendizes, nos preparando para receber a ***Lição***.

O estudo da Doutrina Espírita nos facilita o caminho, mas sua prática é que nos mostrará como ver, alcançar e ultrapassar a porta estreita.

Estreita, no sentido de deixarmos para trás as coisas da matéria, mas imensamente larga para possibilitar a evolução moral e intelectual do espírito.

É a porta do capril, que Jesus refere em ***João, 10:1*** – ***“Em verdade, em verdade vos digo: quem não entra pela porta no***

aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, esse é ladrão e salteador.”

A **Lição** vinda diretamente do Mestre Divino, nos fará fazer o que Ele faz e coisas maiores, como nos atesta em **João, 14:12** – *“Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai.”*

Para chegarmos a este grau elevado de evolução e fazer o que Ele faz, precisamos eliminar, através das infinitas oportunidades de reencarnações, todas as impurezas do espírito, adquiridas desde a nossa primeira encarnação. Alguns chegam mais rápido que os outros, basta para isso vivenciar a prática de todos os ensinamentos e não somente conhece-los.

Salvé, Jesus! Saude e paz para todos.

MARCELO VITAL BRASIL

(S. Paulo – Brasil)

(Artigo cedido, gentilmente, pelo Autor).



A CASA DE DEUS

Quando a descobri, o desarrumo era total,
Numa confusão de sentimentos baralhados
 No geral,
 Misturando-se o orgulho e a vaidade,
E o egoísmo, que vence qualquer idade!
 Encontrei a desesperança,
O ressentimento dos que não têm confiança,
 E a auto-compaixão
 Dos que vivem sem qualquer ilusão!
 (A moradia de tão escura,
 Não revelava fé na vida futura)...
... Mas sem saber como, um dia
 Entrou o sol naquela moradia,
 E o que era escuro se perdeu
Na claridade de um novo dia que nasceu!
 E o sol, ao entrar, ensinou a olhar
 E amar a Natureza,
 Desde o pipilar das avezitas no ar,
 Ao rumorejo
 Da água da praia, num bocejo
 De quem não sabe se dormir... se orar!
... E o olhar perdeu-se em rios e montanhas,
 Em florestas e árvores tão tamanhas
 Que parecia o céu quererem tocar...
 E o riso da criança que passava
 Era a cascata de água cristalina
 A fugir ao rio, buscando o mar!
... E as lágrimas que os olhos alagavam,
 Que de salgadas tanto amaravam,
Secavam céleres, aos beijos que lhe dava

A brisa acariciante que as roçava!
... E a dor que anteriormente afligia
 Já não era dor... eu diria
 Que era apenas um sentir
 - Talvez um estado d'alma
De quem encontrou, enfim!, a calma!
E na casa que descobrir eu um dia pudera
 Não havia mais desarrumo total:
 Os maus sentimentos dominados
 (ainda não vencidos no geral)
Davam aos “quartos” ares de arrumados:
 Entrava neles a luz que vinha dos céus,
 E aquela moradia
 (O meu coração, eu lhes diria)
Era também uma Casa de Deus!

MANUELA VASCONCELOS

Lx., Novembro de 1986



A PEDRA ANGULAR DAS TRÊS REVELAÇÕES

Deus não quer ser temido, mas amado

“(…) Não existe outra lei senão esta: *Amai a Deus sobre todas as coisas e ao vosso próximo como a vós mesmos*”.

Como não poderia deixar de ser, Deus é o foco central das Três Revelações. Evidentemente, em cada uma delas, a *compreensão possível* sobre “o que é Deus” foi-se ampliando de acordo com a dosagem de luz oferecida pelo Mais Alto proporcionalmente à nossa capacidade de “*metabolizar intelectualmente*” tais informações.

Assim, Moisés ⁽¹⁾ nos apresenta um Deus terrível, injusto, que pune um povo inteiro pela falta de seu chefe, que Se vinga do culpado na pessoa do inocente, que fere os filhos pelas faltas dos pais, caracterizando as chamadas “*cobranças vicárias*” que não existem nem mesmo nas precárias, limitadas e imperfeitas leis humanas... Moisés desenha-nos o perfil de um Deus ciumento, vingativo, cruel, implacável, que rega a Terra com o sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem exceptuar as mulheres, as crianças e os velhos, e que castiga aqueles que poupam suas vítimas.

Jesus, porém, nos ensina a chamá-lo PAI, apresentando-O com o perfil totalmente diferente do Deus de Moisés, ou seja: um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido e *dá a cada um segundo as suas obras*. Já não é o Deus de um único povo privilegiado, o Deus dos exércitos, presidindo aos combates para

sustentar a Sua própria causa contra o Deus dos outros povos, mas o PAI comum do gênero humano, que estende a Sua proteção por sobre todos os Seus filhos e os chama todos a Si; já não é o Deus mesquinho e meticuloso, que impõe, sob as mais rigorosas penas, o modo como quer ser adorado, que se ofende pela inobservância de uma fórmula; mas o Deus grande, que vê o pensamento e que Se não honra com a forma; enfim, já não é o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

(...) Toda a doutrina do Cristo se funde no carácter que Ele atribui à Divindade. Como um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, Ele fez do amor de Deus e da Caridade para com o próximo a condição indeclinável da salvação, dizendo: *Amai a Deus sobre todas as coisas e ao vosso próximo como a vós mesmos; nisto estão toda a lei e os profetas; não existe outra lei.* Sobre esta crença, assentou o princípio da igualdade dos homens perante Deus e o da fraternidade universal.”

Em sua singular e monumental obra, que consolida na Terra a promessa de Jesus acerca do “*Consolador*”, Allan Kardec emoldura ⁽²⁾ maravilhosamente bem o desenho que o Meigo Rabi traçou de Deus, aditando:

“(...) Deus é a suprema e soberana inteligência; é eterno; imutável; imaterial; onipotente; soberanamente justo e bom; infinitamente perfeito; único, enfim, infinito em todas as perfeições, e não poderia ser diverso disso.”

E num oportuno, claro e insofismável libelo contra a antiga conceituação antropomórfica de Deus, Allan Kardec abre “*O Livro dos Espíritos*” com a genialidade que o caracteriza perguntando aos Benfeitores Espirituais: “*QUE é Deus?*” E, num portento de síntese e com não menor genialidade, respondem as

Vozes do Céu: “Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”.

Mais recentemente, em poética linguagem aduziu Joanna de Ângelis⁽³⁾:

“(…) A Natureza Divina chama-se Amor e não possui os matizes do temperamento humano, que desejou fazer Deus à sua imagem, sem desejar assemelhar-se à imagem de Deus, que é misericórdia e bondade...

(…) Quando o homem se detém a fitar a fulguração das estrelas no zimbório infinito, não se pode furtar a reflexões e emoções de variada grandeza, nas quais, inevitavelmente, sente refletir-se a presença da Divindade.”

Allan Kardec – cientificamente – afirma ⁽⁴⁾: “(…) Deus não se mostra mas Se revela pelas Suas obras. Sua existência é, pois, uma realidade comprovada não só pela revelação, como pela evidência material dos fatos.”

(1) – KARDEC, Allan. *A Gênese*. 43 ed. Rio (de Janeiro): FEB, 2003, cap. I, Item 23;

(2) – KARDEC, Allan. *A Gênese*. Id., id., cap. II, itens 9 e seguintes;

(3) – FRANCO, Divaldo. *No limiar do infinito*. L.ed.Salvador: LEAL, 1977, Páginas 112 e 19;

(4) – KARDEC, Allan. *A Gênese*. 43 ed. Rio (de Janeiro): FEB, 2003, cap.II, Itens 6 e 7.

ROGÉRIO COELHO
(Mauriaé – MG – Brasil)



AMOR AO PRÓXIMO

“É dando que se recebe...” – Francisco de Assis.

No ensinamento do amor pelo próximo que Jesus, mais que o Mandamento da Lei de Deus, propagou entre os homens, ficou bem marcada a certeza de que, se queríamos receber nós tínhamos que começar por dar... mas a dádiva não pode nem deve, nunca, ser praticada no interesse egoísta do “eu dou porque quero que me dêem também...”. A lição mais marcante está na advertência que o Divino Amigo faz, quando recomenda:

“(...) Quando deres algum jantar ou alguma ceia, não chames nem teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem teus vizinhos que forem ricos, para que não aconteça que também eles te convidem por sua vez e te paguem por isso; mas quando deres algum banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás bem-aventurado, porque esses não têm com que te retribuir; mas ser-te-à isso retribuído na ressurreição dos justos. (...)” – Lucas, XIV:12-15

Infelizmente, hoje em dia, mais de 20 séculos passados sobre a estadia de Jesus na Terra, quando procuramos realizar um festim maior, os nossos convidados continuam a ser ... aqueles que mais tarde ou mais cedo poderão (deverão, no nosso contexto) retribuir o nosso convite... e quando nos preocupamos com os pobres e os desalojados, fazemo-lo em épocas festivas, propagandeando o gesto realizado para que seja notícia em todos os jornais.

Mas, porque nem todos “sentimos” da mesma maneira, também existem entre nós os que se preocupam com o dia a dia dos desabrigados, levando até eles a certeza da sopa quentinha, do

pão, do leite... do aconchego que o estômago de cada um sempre reclama e até mesmo, e ainda, da distribuição das mercearias que muitos Centros Espíritas, espalhados pelo nosso País, vão fazendo por uns e outros.

“Se um pobre te pedir de comer, não lhe dê um peixe mas ensina-o a pescar”.

Creemos que este conceito, de origem oriental, pertence a Confúncio (ou Lao-Tsé?), embora, nos dias de hoje esteja tão difundido que, podemos afirmar, ter sido adotado por todos nós. Porquê? Porque, infelizmente, no meio de tantos necessitados de ajuda existem aqueles que o são mas, habituados a terem a dádiva como certa, não se esforçam minimamente por procurarem fazer uma tarefa de qualquer espécie. Consideram o auxílio que recebem como um outro “subsídio de desemprego” mensal ou semanal, garantido, dando-se até, por vezes, ao direito de reclamarem da falta de um ou outro artigo que tinham recebido na vez anterior e que, naquela, não lhes foi distribuído!

Quando nos confrontamos com situações como esta, vêm-nos à mente as palavras de Jesus no sermão da montanha: - *“Bem Aventurados os humildes...”*. Embora alguns de nós não queiramos reconhecer a diferença entre uma pessoa humilde e uma outra a quem a nossa arrogância e prepotência humilham! Confunde-se tudo, misturando-se as letras das palavras e, quem assim age, não reconhece que elas se escrevem de maneira diferente explicando, naquela letrinha que uma delas tem a mais, o significado de cada uma!

Esta conduta, recorda-nos aquela frase tão conhecida de cada um de nós, mas que a Doutrina Espírita nos firma como necessária à nossa conduta de cada dia:

“A liberdade de cada um termina naquele mesmo ponto em que começa a do nosso próximo”,

explicando-nos, estas palavras, da necessidade premente que todos temos de nos respeitarmos mutuamente. Se o fizermos, estaremos realmente a pôr em prática o nosso amor pelo próximo que significa, afinal e ainda, “ ***não fazer aos outros aquilo que não queremos que os outros nos façam.***” Se tivermos sempre presente esta atitude, com certeza que seremos todos bem mais felizes!

Emmanuel, esse Espírito Amigo ao qual tantos ensinamentos ficámos a dever, no livro “Meditações Diárias”, psicografado pelo médium Francisco C. Xavier, recomenda:

“Guardemo-nos no serviço incessante do amor puro e simples, compreendendo que tão só construindo a felicidade dos outros é que alcançaremos a nossa felicidade. E buscando acender a luz divina em nós mesmos é que nos retiraremos, em definitivo, do largo desfiladeiro da ilusão e do desencanto, da culpa e do resgate, do desequilíbrio e da morte.”

MANUELA V.



MÃOS LIMPAS

“E Deus pelas mãos de Paulo fazia maravilhas extraordinárias”. – ATOS, 19:11.

O Evangelho não nos diz que Paulo de Tarso fazia maravilhas, mas que Deus operava maravilhas extraordinárias por intermédio das mãos dele.

O Pai fará sempre o mesmo, utilizando todos os filhos que lhe apresentarem mãos limpas.

Muitos espíritos, mais convencionalistas que propriamente religiosos, encontraram nessa notícia dos Atos uma informação sobre determinados privilégios que teriam sido concedidos ao Apóstolo.

Antes de tudo, porém, é preciso saber que semelhante concessão não é exclusivista. A maioria dos crentes prefere fixar o Paulo santificado sem apreciar o trabalhador militante.

Quanto custou ao Apóstolo a limpeza das mãos?

Raros indagam realmente a isso.

Recordemos que o amigo da gentildade fora rabino famoso em Jerusalém, movimentara-se entre elevados encargos públicos, detivera dominadoras situações; no entanto, para que o Todo-Poderoso lhe utilizasse as mãos, sofreu todas as humilhações e dispôs-se a todos os sacrifícios pelo bem dos semelhantes. Ensinou o Evangelho sob zombarias e açoites, aflições e pedradas. Apesar

de escrever luminosas epístolas, jamais abandonou o tear humilde até à velhice do corpo.

Considera as particularidades do assunto e observa que Deus é sempre o mesmo Pai, que a misericórdia divina não se modificou, mas pede mãos limpas para os serviços edificantes, junto à Humanidade. Tal exigência é lógica e necessária, pois o trabalho do Altíssimo deve resplandecer sobre os caminhos humanos.

EMMANUEL

(In: “Caminho, Verdade e Vida”, psicografia de Francisco C. Xavier, ed. FEB, 1986: capítulo 74).



“Valiosa é a escassez, porque traz a disciplina. Preciosa é a abundância, porque multiplica as formas do bem. Uma e outra, contudo, perecerão algum dia. Na esfera carnal, a glória e a miséria constituem molduras de temporária apresentação. Ambas passam. Somente Jesus e a Lei Divina perseveram para nós outros, como portas de vida e redenção.” – EMMANUEL – Francisco C. Xavier.

